

Germinal



N.º 10—ANO I
14 de Março de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos
DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL.—EDITOR, MARIO COSTA.
(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)
Avulso 1 ct. (10 rs.)—Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca 51, 3.º — LISBOA

Entendimento necessario

Pode ser que isto seja uma utopia ou que estejamos a prégar a verdade no deserto, resultando, em qualquer dos casos, inúteis as nossas palavras. Mas quanto mais o tempo vai passando e os acontecimentos se vão produzindo, tanto no paiz como fóra dele, mais nos convencemos de que se torna necessario que, quanto antes, se entendam todos que teem e propagam ideias de liberdade, de emancipação dos oprimidos, sob qualquer aspecto que a liberdade e a emancipação se encarem: politico e economico.

Tudo nos anda a dizer e cada vez mais claramente, que grandes coisas se hão-de passar, dentro de pouco tempo, em toda a Europa; grandes agitações e transformações se anunciam e se preveem, não sendo de admirar que, por quaesquer das mil contingencias da vida social, essas transformações sejam bem diversas das que cada um supõe, o que aumentará ainda mais as dificuldades de acção de cada um. As surpresas e as desilusões fazem-se para os desprevenidos, para os fatalistas; e a continuarem as coisas assim, é natural que as desilusões venham a ser bem amargas para os que, em Portugal pelo menos, não querem pensar no futuro, estudar o presente para assim verem o que convem fazer para melhor se poder tirar partido dos acontecimentos e das situações que surgirem, em favor das ideias que se defendem.

Num artigo anterior do *Germinal* com o mesmo titulo deste, dissemos que «todos que são pela emancipação social dos oprimidos se unam para a defeza ou conquista de regalias comuns». Agora dizemos o mesmo.

Ha muita coisa util a fazer

para o bem comum, sem abdicación de ninguem. Que os individuos e os agrupamentos estudem a situação actual e os acontecimentos que se produzem, procurando o que ha neles que a todos interessem da mesma forma, e imediatamente aparecerá aos olhos de todos a conveniencia e a necessidade de procurar realizar entendimentos donde possa sahir uma acção comum no futuro, bem proximo nos parece, em proveito dessa emancipação que andamos sempre a prégar.

Mas, repetimos, é possível que isto seja utopia ou prégação no deserto e que estejamos guardados para as desilusões, ás quaes se seguirão, como não pode deixar de ser, as disputas sobre as responsabilidades da situação, dos resultados contrarios aos nossos interesses e aspirações, ficando-se os adversarios a rir, firmes numa situação cuja força só terá sido feita da fraqueza, isto é, da desunião dos outros, que somos nós.

Pinto Quartim

Do Brasil, para onde fóra forçado a partir ha ano e meio, pelo despotismo afonsista, voltou o nosso amigo e camarada Pinto Quartim, acompanhado de sua familia.

Damos-lhes as boas vindas e felicitamo-nos por termos de novo junto de nós, a sua intelligencia e a sua actividade ao serviço da boa causa.

A' prova

Aquella comissão de defeza da Republica, a cuja sombra se collocaram os democraticos, já dirigiu um manifesto ao paiz e resolveu convocar um comicio. No manifesto pouco mais faz do que reproduzir a moção da Mitra; no comicio... A curiosidade que nós temos de ver como será traçada essa pagina da historia do afonsismo!

Acidentes no trabalho

III

Apontei resumidamente no artigo anterior as duas principais causas do acidente da Companhia do Gaz e da gravidade que revestiu, e que vem a ser:

1.ª— Situação da fabrica.

2.ª— Pessimas condições de material resultantes da sua acumulação e do seu mau funcionamento.

Responsabilizei por estes factos a Companhia e os governos e municipios que a teem consentido assim, que a teem protegido, collocando-se em grande parte na sua dependencia, dando origem a um monopolio mais ou menos disfardado e contribuindo para a intranquilidade do publico, para a menor segurança dos operarios e para uma illuminação mais dispendiosa. A seu tempo falaremos n'isso mais detidamente, fazendo mesmo um ligeiro passeio pelos contractos realizados entre a Companhia e o Municipio.

No entanto, não vá entender-se que, pelo facto de as referidas entidades em varias ocasiões e por varios modos haverem consentido e protegido a situação da Companhia, esta tenha as suas responsabilidades diminuidas perante o acidente horroroso que se produziu em outubro, perante qualquer outro que venha a dar-se como perante tantos outros factos que representem desleixo, incuria ou proposito, pratica de actos proibidos ou omissão de outros obrigatorios. Não! Sobre ela caem inteiramente todas as responsabilidades juridicas e todas as responsabilidades moraes que não se encontram dentro da lei. Como inteiramente teem feito contractos ruins e sancionados e permitido abusos de toda a ordem. Não se dividem as responsabilidades. Sobre uns e outros pesam por inteiro. E' assim, parece-me, que o devemos entender.

A explosão da Companhia do Gaz—disse no primeiro artigo—teve entre outras, uma consequencia importante: o julgamento realizado no tribunal especial dos accidentes no trabalho. E essa consequencia foi muito importante—acrescentei—porque fez convergir as atenções sobre a lei dos accidentes no trabalho e seus regulamentos.

E' este, realmente, o facto capital. Precisamos conhecer as condições em que estão feitas essas leis, as garantias e responsabilidades que distribuem, não perdendo, no entanto, nunca de vista o caso da Companhia do Gaz. Isto constituirá a parte de maior importancia d'esta serie de pequenos artigos. Que o leitor se disponha a ler, por muita antipatia que sinta pelas coisas juridicas...

Sobral de Campos.

Preços dos generos

Em Santo Aleixo foi afixada em diversos logares, por ordem do administrador do concelho, a tabela dos preços fixos dos generos alimenticios. Diabo que tal fizeste!... Duas horas depois os respectivos editais haviam desaparecido, sem deixarem vestigios. Manobras dos da ganhuça, mas inúteis. Quiseram evitar o conhecimento da denuncia oficial das suas artes e feitos, e não lograram senão pôr de sobreaviso os trabalhadores e dar-lhes a certeza da existencia de especulação e especuladores.

Se um homem, por muito instruido que seja, se julga bastante grande para desprezar os outros, parece-se com um cego que tem uma candeia na mão: alumia os outros, mas é cego.

Buda.

Os anarquistas e a guerra européa

Berlim é a designação simbólica do despotismo, porque os governantes alemães se fizeram os seus mais activos agentes, os seus mais legítimos representantes. Nos últimos quarenta anos, a sua ambição de domínio não fez senão aumentar, á medida que aumentava a força da Alemanha para o impôr. Esta ambição era agora muito mais patenteada do que no tempo em que Bakounine dizia que «a tão encarecida civilização dos alemães, é a aliança monstruosa da brutalidade e da sciencia para a servidão da Humanidade».

O grande perigo duma victoria alemã, não estaria só no facto propriamente dito da dominação pelas armas alemãs; estaria em que victoria viria despertar e robustecer o espirito reaccionario que em todos os paizes existe, dando em resultado que a luta contra este seria muito mais difficil, e uma derrota muito mais provavel senão certa. Pois como se comprehende que em toda a parte, desde que a guerra rebentou, tudo que tem amor pelo passado ou interesse em que ele volte ou se vigorise, todos que simpatizam com a reacção politica e social, nos seus varios aspectos, desejassem a victoria da Alemanha? A attitudé dos reaccionarios é, de resto, instructiva a este respeito. A' medida que as probabilidades de victoria dos alemães teem vindo diminuindo, baixam eles de tom, encolhem-se, disfarçam. Manifestasse-se provavel a victoria alemã, e ve-los-iamos de novo arrogantes, preparando-se para o salto.

O maior adversario da revolução na Russia era o governo alemão; e não fosse a mania de dominio que os alemães manifestavam contra os russos, como contra todos, teriamos visto, não a forçada e antipatica aliança franco-russa, mas a natural aliança dos dois despotismos, a fazerem face ao sopro de liberdade, de emancipação da Europa occidental.

O que o Kaiser e os governantes alemães mais temiam, não era a guerra comercial, porque dessa estavam eles todos os dias saindo vencedores; era o espirito de liberdade, cuja invasão e propagação na Alemanha seria a ruina do organismo cesarista, em que teem assentado os privilegios politicos e economicos de que gosam as classes dominantes. Lembremos de que Guilherme II dizia, a proposito da agitação antimilitarista em França:

«Pois julgam (cito de memoria) que estamos muito satisfeitos com o que se passa em França? Isso seria o mesmo que estar alguém muito contente ou sequer indifferente, pelo incendio

que lavrasse na casa do visinho, contigua á sua».

A victoria alemã traria o fortalecimento, a victoria do conservantismo em todos os países, agravado com a influencia germanica que seria preponderante. Não é preciso pensarmos muito para vermos que futuro estava reservado, em cada país, ás ideias de libertação e aos que as defendem. Com a derrota alemã, é o enfraquecimento das ideias de reacção nos países não beligerantes; é a revolução ou pelo menos a quebra do prestigio nos países derrotados, dos respectivos regimens politicos e seus representantes; é nos países vitoriosos, uma luta contra os reaccionarios dada em melhores condições, porque: vem a faltar aos reaccionarios o apoio que teriam, com a victoria alemã, dos proprios alemães e dos reaccionarios dos outros países, animados com a fortuna que lhes sorria; a força dos revolucionarios é muito maior, força moral porque contribuíram para repelir o invasor e força material porque estão dentro das organizações militares e administrativas, onde a sua influencia não deixará de se exercer num sentido favoravel á boa causa e tendo por eles os revolucionarios dos outros países, que poderão exercer influencia benefica, moral e material.

Quanto á Russia, parece-me que está jogando uma partida arriscada, falando em direitos e liberdades e continuando a oprimir como sempre. Ou os governantes russos, levados pelos governos mais esclarecidos da Inglaterra e da França, cumprem o que prometeram e dão mais liberdades, ou a revolução, reprimida ha poucos anos, romperá mais forte que nunca e com mais probabilidades de vencer, porque alem da victoria do liberalismo ser um grande auxiliar para ela, falta ao despotismo russo o apoio alemão, que nunca lhe faltou. Quem sabe até, se nessa ocasião os despotas russos e alemães agora desavindos, se não estenderão as mãos num esforço comum contra o mesmo perigo: a revolução?

E' em França que a luta contra a reacção ha-de talvez ser maior.

E a proposito lembro-me de que, discutindo uma noite com um excelente camarada, a dois ou tres mezes de guerra, ele me dizia que os revolucionarios, ingressando ou apoiando o ingresso nas fileiras, ficavam sem força para se opôr aos manejos dos reaccionarios; ao que eu respondi que, á medida que estes se fossem manifestando, assim aqueles se manifestariam contra eles, provando

que não se esqueciam dos inimigos de dentro por causa dos de fóra.

Os factos estão dando razão a esta maneira de ver pois que as divergencias se acentuam cada vez mais e não se vê, pela attitudé dos revolucionarios, que eles se deixem iludir ou se resignem a respeitar as arremetidas dos outros. Nem os revolucionarios que estão nas fileiras nem os que se encontram longe dos combates, se mostram, quer *absorvidos* pelo meio, quer iludidos sobre a significação da guerra, quer amedrontados com as manobras dos reaccionarios—pois seguem-nas com attenção e mostram-se dispostos a resistir-lhes—quer julgando que para os governantes as palavras *guerra de libertação*, tem a mesma significação que para eles.

Que a reacção pretenda aproveitar-se da victoria, como se aproveitaria da derrota, é natural e todos o esperavamos; mas o que se tem passado é que nos mostra que os receios manifestados pelo camarada a que me referi, se não justificam.

Se neste momento ha nações resolvidas a baterem-se, é a França uma delas e talvez mais que nenhuma.

Quantos mais revolucionarios estiverem dentro dos varios organismos da defeza da França, neste momento, mais probabilidades ha dos governantes não abusarem ou do abuso não vingarem. Era melhor a insurreição vitoriosa; mas como essa era impossivel... abstenção? E depois?

A França derrotada era agora um mal bem maior—porque bem maior seria depois a influencia alemã,—do que foi depois de 1870, derrota da qual Bakounine dizia:

«A causa da França tornou-se a do mundo e a derrota e a perda da França serão a derrota e a perda da liberdade, de tudo quanto é humano no mundo. Se a Prussia a vence, a humanidade européa estará perdida para, pelo menos, cincoenta anos; e a nós outros, os velhos, não nos restará senão morrer».

O que diria ele agora, vendo muito maior a ameaça da Alemanha contra a liberdade que ele tanto amava, dessa Alemanha de que ele, já em 1872 dizia... o que o leitor pode ler noutra parte deste jornal. Mesmo que se não seja tão francofilo e tão germanofobo como Bakounine, pode-se no entanto justificar a defeza da França contra a Alemanha, em nome da liberdade contra o despotismo, sem que por isso nos confundamos com os governantes e reaccionarios franceses.

Emilio Costa.

(Continua)

E' necessario termos sentimento e não contarmos muito com o sentimento dos outros.

H. Becque.

A questão do pão

Declara o *Pais* que pessoa de sua inteira confiança lhe disse o seguinte:

O governo espera ter uma tal ou qual compensação nos trigos e farinhas, na posse das fabricas matriculadas. Mas esta compensação d'onde sae?

Do encarecimento do pão de luxo (pão fino) e da qualidade de pão que o povo em geral terá de comer. D'aqui é que não ha sair. A diferença de 2 centavos, numeros redondos, porque a Moagem adquire o trigo exotico, não é ela que a perde, mas fatalmente ha de sahir da algebeira do consumidor, e do *paladar*, para não dizer do estomago das classes pobres...

... Em setembro e outubro, o trigo estrangeiro podia-se obter (assim nos affiançou um moageiro dos mais serios) a 7 centavos o kilo, hoje custa 11 e mais, tambem por kilograma, o que em 100.000.000 de kilogramas, cuja importação foi actorisada, dá um prejuizo para o Estado, e o Estado é a população do paiz, de 4.000 contos.

— Em uma reunião dos corpos gerentes da Associação dos Operarios Manipuladores de Pão, ha dias efectuada, ficou demonstrado, pela comparação entre os preços antigos e os que entraram em vigor no sabado da semana passada, que o pão teve um aumento de um centavo em kilo, pois que o pão de 8 centavos equivale ao antigo tipo de 9 centavos. E depois em uma reunião da respectiva assembleia geral, diversos operarios reptaram os autores ou inspiradores das notas officiosas a dizer onde é que está o *pão economico*, de farinha de 3.^a, com o peso de 1.000 gramas, que por lei de 3 de junho de 1913 até ao dia 5 de março corrente era vendido a 7 centavos ao balcão das padarias; e se esse pão, vendendo-se agora a 8 centavos, tambem ao balcão, não aumentou 1 centavo em kilo, ainda com a agravaite de se lhe poder adicionar farinha de milho. E acrescentaram:

Mas ha mais: O pão de 4 centavos o meio kilo, fabricado com a farinha de 2.^a, é o que se vende agora a 4,5 centavos ao balcão, é claro, porque, levado ao domicilio, não pode ser vendido por menos de 5 centavos.

— Em certos concelhos visinhos do Porto — diz um jornal operario dali, — o preço do alqueire de milho que podia e devia ser de 60 centavos é de 70 centavos.

Figuras da social

Não se tendo removido completamente as dificuldades que surgiram, resolvemos substituir por outra a «figura»; mas nem assim fomos mais felizes, porque não obtivemos tudo a tempo de entrar neste numero.

Estamos providenciando para que semelhantes contratempos não se repitam, e não hão de repetir se. Agora a publicação seguirá sem se olhar á ordem ou seriação que havíamos traçado. As figuras de Proudhon e Lassale serão das primeiras a sair.

A PROPOSITO DA GUERRA

Uma carta de Kropotkine — Uma resposta
— Abdica-se pegando em armas ?

No meado de novembro ultimo, os camaradas suíços deram á publicidade nas columnas do *Réveil* e da *Voix du Peuple*, de Genebra, um manifesto em que definiam a sua attitude ante o conflito belico internacional. Afirmava-se nesse manifesto — com o apoio de uma das guerras (1) na edição francesa de *A Sciencia Moderna e a Anarquia* — que os caracteres da conflagração actual são exclusivamente comerciais.

Algumas semanas depois, Kropotkine dirigiu aos anarquistas suíços, as seguintes explicações:

«Quem quer que leia esse capitulo com um pouco de atenção, compreenderá que a causa da guerra actual está em que, havendo-se convertido a Alemanha em um país de grande produção industrial, enquanto que a sua classe rural permanece muito pobre.» Neste momento — permitam-me a repetição dalgumas linhas — o burguez alemão cobiza novas fontes de riqueza em toda a parte: nas planícies da Polonia, nos campos da Hungria, nas mesetas de Africa, e especialmente em volta da linha de Bagdad, nos ricos vales da Asia Menor, que oferecerão aos capitalistas alemães uma população laboriosa exploravel, sob um dos mais belos céos do mundo, e talvez um dia tambem no Egipto». (2)

«Por conseguinte—continuava eu— os homens de negocios coloniais alemães querem conquistar portos de exportação e sobretudo portos militares, no Adriatico Mediterraneo e no Adriatico do Oceano Indico (o golfo persico), bem como sobre a costa africana, na Beira, e mais tarde no Oceano Pacifico. O seu fiel servo, o imperio germanico, está para isso ás suas ordens, com exercitos e couraçados.»

Os factos confirmaram as minhas previsões. Como em 1870, os industriaes e os capitalistas alemães tiveram ás suas ordens não só o Estado com os seus funcionarios, mas todas as camadas sociais, os explorados como os exploradores. Burguezes, capitalistas e operarios, incluindo mais de tres milhões de pretensos socialistas, marcharam, numa unanimidade cega, para a conquista da Belgica e da França e para o morticínio em massa dos aldeãos, que, vendo as suas casas saqueadas, violadas as suas mulheres, transportadas as colheitas para a Alemanha, pegaram em espingardas ou em forçados para se defenderem ou se vingarem. Agora mesmo, trabalhadores e burguezes alemães fazem-se matar, ás dezenas e centenas de milhar, para conquistarem portos—portos de agressão—no mar do Norte.

(1) E' o que está publicado em português com o título—*Os bastidores das guerras* (folheto da Biblioteca de «A Sementeira»).

(2) Podia ter referido aqui as vistas da Alemanha sobre a Champagne e principalmente sobre as colonias francesas, mencionar que os alemães entrariam em França pelo Luxemburgo e pela Belgica (o que já se sabia), e falar sobretudo da ameaça permanente ao desenvolvimento da França, representada pelo campo fortificado de Metz (eu já então tinha escrito um artigo intitulado—*Desmantelai Metz*. Mas os camaradas franceses faziam então uma campanha pela greve geral, esperando converter a esta ideia os trabalhadores alemães, e eu preferi não tratar na imprensa da questão das relações entre a França e a Alemanha, para não atear o fogo. Não obstante, de tudo isso tenho falado largamente aos amigos desde 1905.

«Pois bem, queridos camaradas, a minha opinião é que do mesmo modo que era dever de todo o internacionalista sincero o impedir, em toda a medida das suas forças a conquista de Marrocos pela França, de Trípoli pelos italianos, da Persia pelos russos e ingleses, se deve tambem, e com maior razão, impedir a conquista da Belgica — esse bravo país que tão bem soube defender-se e a da França.

Afirmar que ao camponês e ao operario é indiferente achar-se sob a fúrela de um governo francês ou alemão, belga ou prussiano, turco ou bulgaro, é um absurdo que nunca eu me permiti dizer aos trabalhadores.

Só quem não viu nunca um país sob o jugo estrangeiro, como a Italia sob os austríacos, a Polonia sob o imperio russo, ou os eslavos sob o dominio turco, é que pode dizer isso. Mas os que se encontram nesse caso deverão, ao menos, informar-se com os que sabem alguma coisa disso por experiencia.

O professor S. H. Church, do Instituto Carnegie, de Pittsburgh (Estados-Unidos) enviou ao professor Schaper de Berlim,—um dos signatarios do já tão celebre e tão triste documento dos 93 intellectuaes alemães—uma carta em resposta ao documento que recebera. Depois de destruir a pseudo-argumentação pro-germanismo do documento, termina dizendo:

A vossa referencia ao militarismo Alemão fez nascer no meu espirito a convicção de que esta guerra começou potencialmente ha vinte e cinco anos, quando o imperador Guilherme II, ao subir ao trono, se declarou Supremo Senhor da guerra e passou a preparar a sua nação para a guerra. Seus proprios filhos foram habituados a, desde a infancia, se considerarem soldados com a perspectiva de um destino de morticínio; e aqui na America apenas conhecemos a sua filha pela fotografia dela com uniforme de coronel. E a maneira de seus filhos toda a infancia do imperio tem sido educada.

E durante cada dia de cada ano dos vinte e cinco, o Imperador, com seus discursos incendiarios, tem inflamado o ardor do publico para esta guerra potencial. Por outro lado, aqueles que propunham meios sensatos pela paz, tem sido escarnecidos pela sua referencia.

Os proprios professores das vossas universidades tem contribuido para inocular no espirito dos vossos mancebos, a doutrina de que esta guerra era inevitavel. Afastando-se do vosso grande filosofo Kant que no seu imperativo categorico nos ensinou a todos uma nova regra de três, o espirito nacional da Alemanha tem sido alimentado com o materialismo sensual de Nietzsche, com a truculencia sem rebuços do General von Bernhardt, com os perversos sonhos belicos de Treitschke com a fraca moralidade de Von Bulow; e a opinião que podemos ter sobre o vosso imperador, os seus soldados, os seus estadistas e os seus professores, é a de que a Alemanha se considera uma nação á parte do resto do mundo, superior a ele, predestinada a manter a sua superioridade por meio da guerra.

Os vossos chefes militares inculcaram a crença nos corações do vosso povo, de que a bandeira Alemã deve seguir os Alemães nas suas emigrações e daí o facto da necessidade que apregoaes de possuídes colonias. Pois bem, aqui temos como já disse, 8.000.000 de Alemães na America que não precisam da bandeira Alemã para lhes garantir a maxima felicidade. Ha outros

milhares no Canadá, no Brazil, na Argentina e outros pontos em torno do globo, sempre a salvo e felizes sem a bandeira Alemã.

Não é pois absurdo e perverso sustentar a doutrina que d'ora em diante os Alemães devem viver sob a bandeira Alemã onde quer que vão? Não se acha no fundo deste grande crime o sonho desvaído do Pan-Germanismo?

Afinal aqui está, meu caro Dr. Schaper, como nos achamos escandalizados, envergonhados e indignados por ver que fosse uma nação Christã a culpada desta criminosa guerra.

Depois de se referir ás discussões bizantinas entre camaradas e ao espirito reaccionario de muitos officiaes, um revolucionario escreve da linha de batalha o seguinte, a Jouhaux: (B. S. 4-2-915).

«Esta guerra para nós, deve matar a guerra; é com essa ideia que nós a fazemos. Eis porque se não deseja uma paz ficticia que deixaria em frente uns dos outros, adversarios que apenas se teriam experimentado e que se preparariam durante dez, vinte anos, com novos armamentos, para de novo se lançarem uns contra os outros.

Nós queremos o imperialismo alemão definitivamente esmagado e não o povo alemão, que não deve, apesar da sua cegueira, ser confundido com os seus dirigentes. Eis o que por aqui se diz correntemente:

Os aliados pretendem combater pela democracia (e a Russia?) pela liberdade das nações (e a Russia?) pela destruição de militarismo prussiano, causa da guerra actual e dos armamentos de meio seculo? Pois bem; é preciso que eles vão até ao fim reclamando a volta ao seu país das provincias anexadas á força, que imponham o desarmamento, sem contar as indemnizações devidas em consequencia da sua maneira especial de fazer a guerra. Mas que, principalmente, se livrem de tocar na liberdade que deve ter o povo alemão de se desenvolver pelas suas faculdades proprias. Isso seria um crime contra o direito das nacionalidades pelo qual os aliados pretendem combater. O genio alemão, desembaraçado da luta militarista e imperialista, não será o mesmo que o que deu em resultado a destruição das obras d'arte, das cidades e das aldeias. Destes actos, apenas tornamos responsaveis os senhores da Alemanha, que tudo fizeram para adestrar a sua soldadesca como ela nos appareceu.

Quanto ao movimento operario em França, graças á attitude das organizações na ocasião da mobilisação, graças á vigilancia dos militantes que ficaram, graças á coragem dos que lutam, são permitidas as maiores esperanças. A propria guerra pelos seus horrores, contribuirá para que toda a gente dirija os seus esforços para os meios de lhe evitar a volta. A reacção terá trabalhado em vão e o movimento operario continuará mais forte que nunca».

Os «documentos»

Afiança a *Voz do Operario* que toda a imprensa operaria se refere largamente aos *Documentos politicos*, frisando que eles de forma alguma vieram criar, em redor do movimento operario e socialista, a minima parcela de suspeita. Se assim é, os jornalistas operarios mostram apenas uma coisa: é que tem bom estomago.

O patriotismo quando pretende dominar no campo da sciencia é um mau companheiro que é preciso expulsar.

Schopenhauer.

NOTAS LIGEIRAS

«Tenho dito o bastante para, de todos os lados, me acusarem de tomar a defeza dos politicos e de lhes estar vendido. Posso mostrar o forro das minhas algibeiras. Não recebi dinheiro francês, nem inglês, nem sequer alemão. Melhor ainda—ou peor se quiserem—a minha virtude não foi mesmo posta á prova».—São de Jean Grave estas palavras de amargo desdem. Que nauseabunda escorrença influiu no velho lutador para lh'as fazer passar do cerebro aos bicos da pena

Um jornal noticia que ahi algures, em uma escola primaria feminina do Estado, nas horas de recreio, as pequenitas cantam o *Fado do Cume* e a *Valsa dos Apaches*. E entre surpreso e indignado brada que é necessario pôr cobro a seme hante indignidade. Maneira de reclamar o castigo da directora da escola. Saberá o jornalista que no professorado da Faculdade de Letras ha quem tenha incluído coisas identicas no programa de certa festa de crianças? Nunca ouviu falar na maneira por que na Escola Normal se usa tratar as alunas? A suspensão ou demissão da pobre professora não corrige o mal, que provém da desatenção de uns e da pulhice de outros.

Ha quem suponha os anarquistas portuguezes divididos em duas facções, jurando uma por Kropotkine, enquanto a outra jura por Malatesta, e degladiando-se por isso ambas com furia. E tomando a suposição pela realidade tambem ha quem não occulte as suas apreensões e o seu pesar. E' uma bela prenda a imaginação, mas se se lhe deixa livre o voo, acontece as mais das vezes esta coisa banal: não se sabe ás quantas se anda. Na verdade o que entre eles se passa não é novo senão no aspecto e no motivo: a sua extensão e a sua intensidade são as mesmas de outras baralhas de familia, que os tem contundido.

Ainda se a *querela* lhes fosse trazida por estranhos, como no caso do anarquismo reformista ou aliança revolucionaria!...

Qualquer.

«O Reivindicador»

Brevemente deve sair no Porto, com este titulo, um quinzenario operario de critica social, dedicado aos officiaes de barbeiro portuguezes. A correspondencia póde ser dirigida a Americo da Graça, rua dos Bragas, 35.

Outra vez

Está mais que demonstrado que os assaltos que nestes ultimos dias se tem feito ás padarias e outros estabelecimentos comerciais, são instigados por certos e bem conhecidos formigas.

Assim o escreve um jornal; assim o dizem muitos.

... Como o outro com os sem trabalho?

Que complicado animal que é o homem! Tem necessidade de edificar a sua moral sobre um Deus hipotético, objecto da fé e não da sua vista, em vez de o fazer para com seu semelhante immediato, tangível e multiplo!

*. *. *

Respigando

A *Aurora* publica no seu ultimo numero o *Manifesto dos anarquistas de Londres*. São afirmações de ordem geral, mas que pouco ou nada contribuem para a resolução do problema de que se ocupa o manifesto.

Plenamente dacordo com estas palavras:

«A desgraça dos povos que eram entretanto todos profundamente afeiçoados á paz, é terem tido confiança no Estado com os seus diplomatas intrigantes, na democracia e nos partidos políticos (mesmo de opposição como o socialismo parlamentar) para evitar a guerra;»

e com o que em seguida se diz sobre a propaganda a fazer, que é afinal o que sempre se tem feito.

Não estamos d'acordo com estas palavras:

«Não ha distincção possível entre as guerras defensivas e as guerras ofensivas.»

e com estas:

«A verdade é que a causa das guerras, da que ensanguenta atualmente as planícies da Europa, como de todas as que a precederam, reside unicamente na existencia de Estado que é a forma política do privilegio.»

porque achamos erroneas as afirmações nelas contidas.

Palavras de Bismarck, no Reitstag em 1863:

«A Justiça é uma palavra. A Razão é uma palavra. A Honra é uma palavra. Não se resolve problema algum sendo pelo triumpho bestial. A bestialidade é pois a lei do genero humano.»

Com este bestial cinismo-Bismarck nada mais fez do que sintetisar as ideias que os mentores alemães, dumia ou outra fórma teem inculcado entre o povo alemão. O resultado está-se vendo.

Da *Humanité*, 27-1-915:

«Basta constatar, por agora, sinal evidente do: nossos progressos, que taes os dias ganhamos mais o concurso moral dos príses certamente neutras, como a Suíça e os Estados-Unidos, reconhecendo que a nossa causa é a do direito dos povos.»

Doce ilusão. O facto, que é verdadeiro, não se produz pelo motivo indicado. A simpatia, — á parte as exceções, escusado é — dizer manifestam-se, porque aumentam as probabilidades de vitória; se fosse o contrario, as simpatias iam para os alemães. E' preciso estar-se bem com o mais forte, por causa do futuro. Viu-se em 1870...

Em um artigo de J. M. Débats, na *Bataille Syndicaliste* de 4 do corrente, art. *Impressions*:

«Certamente, não é a primeira vez que os anarquistas diferem de apreciação no que respeita á táctica a empregar para so conseguirem fins que nos são igualmente agradaveis. Entre mil exemplos, poderia lembrar ao meu amigo Malatesta a epoca em que nós lutavamos juntos

contra a quasi totalidade dos camaradas em favor dos sindicatos operarios; hoje esta campanha está julgada; agora trata-se de aclarar a da guerra.»

Provavelmente tambem então houve quem dissesse que Malatesta se desviava e falasse em salvar os principios. Como na questão Dreyfus, em que, por exemplo, se viu Sebastião Faure intervir na questão e J. Grave abster-se, ao contrario de agora, em que aquele se abstem e este é pela defeza contra o invasor. Isto de linha recta em defeza dos principios, tem que se lhe diga, não ha duvida!

Vozes do passado

Ha tempos publicou *Tierra y Libertad* umas en-têtes com palavras de Kropotkine e Bakounine, para assim mostrar, segundo parece, o erro daquele. Mais vezes e em outros jornais Bakounine tem sido citado em apoio da maneira de ver dos abstencionistas. Por isso publicamos e continuamos publicando opiniões do passado para mostrar que se não pode afirmar que Bakounine ou qualquer outro, estaria agora dum ou outro lado da questão; que todos podem errar e acertar e que ninguém pode dizer com segurança a atitude que tomará em face dum acontecimento, e menos ainda a atitude que outros tomariam. Por isso transcrevemos Proudhon, Lorenzo, Bakounine, etc., e podemos faze-lo, nós que não somos inflexiveis coerentes, que admitimos graus, que não acusamos Kropotkine e outros de claudicarem e de coisa peor, que não falamos em ex-anarquistas, que não pretendemos excluir ninguém.

As transcrições que fazemos são para que se veja que se fosse possível a tal coerencia que muitos exigem, ninguém ficaria de pé, e que acusar os outros de desvios é muitas vezes mais facil de dizer que de provar.

O que Bakounine pensava dos alemães

«Uma mocidade assim (a mocidade seguindo Garibaldi por amor á liberdade) não existe em nenhum outro país do Occidente da Europa. Na Alemanha sobretudo, a mocidade burgueza é mais sensata, mais velha que os velhos. Estes pelo menos, deixam-se ainda invadir ás vezes pelos sonhos innocentes duma liberdade e duma egualdade utopicas; e ha entre eles muitos que amam a poesia, o pensamento e a sciencia fóra de toda a ideia de lucro; ao passo que os seus filhos, desdenhando, de resto com muita razão, os sonhos platonicos dos paes, orgulham-se em ser positivistas no sentido burguez, isto é, no mais exclusivamente individual do termo. Os grosseiros prazeres da cerveja, do tabaco e dos disturbios baquiros, interrompidos de vez em quando por algumas liberdades duma galanteria que se tornou mais brutal que sentimental, constituem todo o seu presente.

A palavra *carreira*, resume todas as suas esperanças no futuro. A propria sciencia, essa divindade outr'ora misticamente reverenciada na Alemanha, tornou-se para eles num meio apenas. E' que na Alemanha precisa-se saber uma quantidade de coisas uteis e inuteis, para abrir caminho quer na burocracia quer no exercito. E' preciso ser-se ao mesmo tempo servil e pedante,

duas condições que a mocidade alemã preenche hoje perfeitamente. Ide pois procurar nela heroes da liberdade!

Eruditos, refletidos, perseverantes e frios, não teem falta de coragem. sendo preciso, mas falta-lhes por completo a dignidade e o respeito humano. Sempre obedientes e capazes de todos os crimes desde que sejam ordenados pelos seus chefes, são terriveis instrumentos de servidão e de conquista nas mãos dum despota.

E' natural que no estado de civilização avançada de que goza a Alemanha actual, uma semelhante brutalidade não podesse, não ousasse existir sem procurar uma desculpa, uma especie de legitimação numa idealidade, numa ilusão ou numa astração qualquer. Só a brutalidade ignorante e selvagem se atreve a ser cinicamente nua. A brutalidade civilisada e sábia precisa dum véu púdico, duma ilusão, tanto para os outros como para si propria.

Esse véu, essa ilusão, esse pretexto ideal encontrou-se: é a grande missão civilisadora da raça germanica.»

(*Bataille Syndicaliste* 6-1-1914).

A' volta do mundo

2.ª, 1 de Março. — Portugal — E' publicado um decreto sobre a importação de trigo exotico e sobre o fabrico e venda da farinha e do pão, a partir do dia 6.

— Espanha. — Termina a greve dos vinicultores de San Lucar.

3.ª, 2. — Portugal — E' publicado um decreto, regulando a exportação de generos.

4.ª, 3. — Portugal — Em prestito, é conduzido á estação do Rocio, em Lisboa, o cadaver de Santos Cardoso, deputado afonsista que fora morto a tiro, no dia 28 de Fevereiro, em frente da séde do Directorio democratico.

— Reunem-se em Lisboa as organizações socialistas da região do sul para se pronunciarem sobre a situação politica, e resolvem «afirmar altivamente a face do país e de todos os partidos burgueses» o seu protesto contra varias coisas que se encerram em uma só: a lei eleitoral

— Espanha. — Manifestações populares em Murcia e outros pontos, contra a carestia dos generos alimenticios. Conflitos com a força publica.

5.ª, 4. — Portugal — Por ordem do governo, uma força militar impede o acesso ao palacio do Parlamento. Os parlamentares democraticos vão por isso reunir-se no palacio da Mitra, em Santo Antão do Tojal, e aí declaram fora da lei o chefe do Estado e os ministros e nomeiam uma comissão para velar pela guarda e cumprimento da Constituição. Lisboa ri.

— Inglaterra. — Termina a greve dos operarios metalurgicos de Laceyde.

6.ª, 5. — Portugal — Funeral do deputado Santos Cardoso, no Porto. As tropas estão de prevenção nos quartéis.

— Espanha. — Repetem-se as manifestações contra a carestia.

Sab., 6. — Portugal — O ministro das finanças, capitão Herculano Gallardo, tido por muitos como democratico, abandona o governo.

— O pão começa a ser vendido mais caro. Em Lisboa, são assaltadas algumas padarias.

— Grecia. — O gabinete Venizelos pede a demissão.

Dom., 7. — Portugal — Pela terceira vez realisa-se no país o empreendimento do *Seculo*, apellidado de «Festa Nacional da Arvore».

— Em Lisboa ha novos assaltos a padarias.

— Italia. — Motins em Bellino. A população pede pão ou trabalho.

2.ª, 8. — Portugal — Repetem-se os assaltos a padarias, em Lisboa.

3.ª, 9. — Portugal — Graves conflitos em Lisboa, entre operarios do Arsenal da Marinha e a policia. Tumultos no Fundão.

— Espanha. — Tumultos em Granada e em Huelva.

Um inquerito

Estava já composto o artigo do nosso ultimo numero, assim intitulado, quando lemos o artigo de fundo do orgão socialista de Beja — *O Facho*, de 28 de Fevereiro.

Tambem o seu autor, como nós e como o seu correligionario Antonio Pereira, julga que não se pode afirmar que os socialistas nunca tiveram ligações secretas com a monarquia. E julga, porque se dá a recordar estes dois factos: — Lopo Vaz, procurando pôr em pratica a habilidade politica de captar as boas graças do operariado, pediu e obteve a colaboração de alguns socialistas; e D. Luis de Castro, querendo legislar em proveito das classes trabalhadoras, encarregou Azedo Gnecco de «fazer o que elle não tinha sabido fazer, e mais uma vez Azedo Gnecco colaborou na obra governamental, isto é, mais uma vez os socialistas foram monarchicos».

Não ha que ver: o inquerito não pode ter-se por encerrado; á classe trabalhadora assiste o direito de saber como e por que preço alguns dos seus mentores teem procurado arrancar do Estado beneficios para ela.

O parlamento

Afirma o sr. Brito Camacho que do parlamento da Republica se poderia dizer o que se disse do outro: — o bem que fez, fê-lo mal; o mal que fez, fê-lo bem. E' um testemunho insuspeito.

Hoje como ontem

O orgão democratico estomagou-se todo por o chefe unionista haver afirmado que o governo dispõe tudo para ser o maior eleitor. Dêem-lhe as voltas que quiserem, mas a verdade é aquella: quem elege é o Terreiro do Paço.

Pretende o Germinal viver dos seus proprios recursos e para isso ha de empregar os melhores esforços; mas emquanto não o consegue, necessario é que os amigos e camaradas não lhe faltem com o seu auxilio moral e material.

VIDA ASSOCIATIVA

União dos Sindicatos operarios de Lisboa. — Na sua reunião de segunda feira tratou se de expediente e os delegados occuparam-se da momentosa questão da carestia da vida, sendo lido e discutido o manifesto que será distribuido ao publico e determinando que o comicio se realice no dia 14, efectuando-se durante a ser ana sessões de propaganda.

Associação dos Compositores tipograficos, de Lisboa. — Realizou-se na terça feira a segunda conferencia da série que a comissão social resolveu levar a efeito e que na outra semana foi iniciada com a dissertação do sr. Tomás Fernandes sobre as Artes Graficas e a Exposição de Leipzig. Versou a nova prelecção sobre o ensino profissional e c prelector foi o sr. Manoel Roque da Silva, que attribuiu a decadencia da arte grafica entre nós á descentralisação da industria.